

Vídeos comunitários em Biociência e Saúde

Community Videos in Bioscience and Health

Vídeos comunitarios en Biociencia y Salud

Ricardo Malheiros ¹
Instituto Oswaldo Cruz, Brasil.

Ruth Maria Mariani Braz ²
Universidade Federal Fluminense, Brasil.

Eliane Porto Vargas ³
Instituto Oswaldo Cruz, Brasil.

Resumo

Este artigo cujo objetivo consistiu em analisar a potencialidade das produções de vídeos produzidos pela Bem TV (RJ). Esta é uma pesquisa exploratória, qualitativa e realizamos a pesquisa na Rede Estadual de Ensino de Niterói/RJ com professores e alunos do ensino médio, através da participação deles em oficinas de narrativas audiovisuais. Como resultado apresentamos alguns elementos teóricos adotados na análise do filme “Memórias do Preventório,” que oferece reflexões sobre o uso do vídeo comunitário na problematização em sala de aula das realidades sociais que impactam o aprendizado do ensino de biociência e saúde, visando fomentar atitudes e práticas transformadoras pelos jovens escolares situados em territórios caracterizados por condições de vulnerabilidades. Concluímos que a produção textual e imagética, tem potencial em promover a identificação de seu público na abordagem de temas relativos à ciência e à saúde.

Palavras-chave: ensino de ciências; ensino comunitário; recursos audiovisuais; vídeo educativo.

¹ Doutorado em Ensino em Biociências e Saúde.. Instituto Oswaldo Cruz. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3675-7155>. Contato: ricmalhe@gmail.com.

² Doutorado em Ciências da Educação e Psicologia. Universidade Federal Fluminense. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2224-9643>. Contato: ruthmariani@yahoo.com.br.

³ Doutorado em Saúde Coletiva. Instituto Oswaldo Cruz. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0236-3732>. Contato: epvargas@ioc.fiocruz.br.



Abstract

This article aimed to analyze the potential of video productions produced by Bem TV (RJ). This is an exploratory, qualitative research and we conducted the research in the State Education Network of Niterói/RJ with high school teachers and students, through their participation in audiovisual narrative workshops. As a result, we present some theoretical elements adopted in the analysis of the film “Memórias do Preventório,” which offers reflections on the use of community video in the classroom problematization of social realities that impact the learning of bioscience and health education, aiming to foster transformative attitudes and practices by young students located in territories characterized by conditions of vulnerability. We conclude that textual and visual production has the potential to promote the identification of its audience in the approach to topics related to science and health. Keywords: Science education. Community education. Audiovisual resources. Educational video.

Keywords: science education; community education; audiovisual resources; educational video.

Resumen: *Este artículo tuvo como objetivo analizar el potencial de las producciones de video producidas por Bem TV (RJ). Se trata de una investigación exploratoria, cualitativa, realizada en la Red Estatal de Educación de Niterói/RJ con profesores y estudiantes de secundaria, a través de su participación en talleres de narrativa audiovisual. Como resultado, presentamos algunos elementos teóricos adoptados en el análisis de la película “Memórias do Preventório”, que ofrece reflexiones sobre el uso del video comunitario en el aula, problematización de realidades sociales que impactan el aprendizaje de las biociencias y la enseñanza de la salud, con el objetivo de Fomentar actitudes y prácticas transformadoras en jóvenes estudiantes ubicados en territorios caracterizados por condiciones de vulnerabilidad. Concluimos que la producción textual y de imágenes tiene el potencial de promover la identificación de su audiencia al abordar temas relacionados con la ciencia y la salud. Palabras clave: Enseñanza de las ciencias. Enseñanza comunitaria. Recursos audiovisuales. Vídeo educativo.*

Palabras clave: enseñanza de las ciências; enseñanza comunitária; recursos audiovisuales; vídeo educativo.

1 Apresentação

As questões apresentadas neste artigo são parte das reflexões desenvolvidas em um estudo sobre o uso de vídeos em contexto educativo, cujo objetivo consistiu em analisar as potencialidades e os usos educacionais dos chamados vídeos comunitários no ensino de biociências e saúde. A pesquisa foi realizada na Rede

Estadual de Ensino de Niterói/RJ em ANO considerando o universo das produções de vídeos produzidos pela ONG Bem TV⁴-(Niterói/RJ).

Nesta pesquisa mais ampla, pretendeu-se conhecer, a partir das concepções dos sujeitos da pesquisa, professores e estudantes (3º ano do Ensino Médio), o potencial educativo dos denominados vídeos comunitários e seus usos no contexto do ensino, contribuindo para o desenvolvimento de um olhar crítico sobre os audiovisuais a serem utilizados neste processo. Além da inserção e ampliação do audiovisual comunitário em ambientes formais de ensino, sua utilização em processos de ensino e aprendizagem em biociência e saúde e na abordagem de temas transversais foram valorizados nessa pesquisa. Almejou-se com isto a ampliação do uso desses materiais, em geral restrito à sua exibição em sala de aula, por meio da realização de oficinas visando incentivar a prática de narrativas audiovisuais que valorize o protagonismo de seus participantes. Como parte desta investigação procedeu-se, especificamente, às análises fílmicas de três documentários produzidos entre os anos de 1999 e 2003: “Faxina Geral” (Bem TV, 1999), “Memórias do Preventório” (Bem TV, 2002) e “Muito Prazer” (Bem TV, 2003). Nelas buscou-se aprofundar a compreensão e a interpretação das linguagens textual e imagética destes audiovisuais de modo a desenvolver estratégias de mediação para o seu uso em sala de aula. Esta seleção deu-se em função destes documentários, além de abordarem temas relevantes em biociência e saúde, terem sido produzidos no âmbito do projeto “Olho Vivo” cujos participantes são “jovens comunicadores” formados pela Bem TV e moradores de comunidades, principalmente do Preventório. Nesta primeira etapa que antecedeu o trabalho de campo com alunos e professores, almejamos chegar a uma maior compreensão dos parâmetros que caracterizam as imagens produzidas de modo que possamos interpelá-los segundo os objetivos da pesquisa.

Nesse artigo apresentaremos alguns elementos teóricos formulados no campo da análise fílmica para a análise de um vídeo comunitário, o documentário “Memórias do Preventório”, que enfatizam a linguagem textual e imagética e seu potencial de promover a identificação de seu público, neste caso escolares e professores, na

⁴ A Bem TV caracteriza-se por ser uma TV Comunitária, uma organização não-governamental localizada em Niterói/RJ, com 29 anos de experiência em produções de vídeos populares/comunitários. Ela desenvolve cursos e oficinas em mídias digitais para jovens moradores das comunidades em territórios vulnerabilizados de Niterói e São Gonçalo.

abordagem de temas relativos à ciência e à saúde. Com estas reflexões almeja-se estimular a valorização e a utilização do audiovisual popular e comunitário nacional no ensino em ciências e em saúde ainda que estes não sejam, necessariamente, elaborados a partir de propostas curriculares, conteúdo ou objetivos pedagógicos.

Para tal, parte-se do pressuposto, considerando o universo dos audiovisuais, que o vídeo comunitário é uma modalidade de vídeo com características relevantes em uma perspectiva crítica de ensino e educação. De acordo com Santoro (1989), o vídeo popular originou-se no seio dos movimentos sociais, indicando seu grande papel comunicativo dentro das lutas políticas travadas em defesa dos direitos das camadas mais desfavorecidas e injustiçadas da sociedade brasileira. Políticas públicas de incentivo à educação e à cultura devem ser incrementadas e reproduzidas, principalmente aquelas que, direta ou indiretamente, beneficiam as camadas populares da nossa sociedade em seus diferentes contextos.

Leonel & Mendonça (2010), apontam outro elemento importante deste alcance. O fato dos grupos envolvidos em projetos de comunicação audiovisual social comunitária, serem fundamentais no engajamento da opinião pública e de moradores sobre problemas que afetam comunidades pouco beneficiadas pelas ações do estado, para além daqueles amplamente conhecidos que dizem respeito à violência e à criminalidade. Tais grupos são também importantes para pautar outras questões relevantes do cotidiano que permitam estabelecer novos padrões relacionais, aumentando o grau de autonomia individual e coletiva do grupo social afetado.

Compreendemos, portanto, que esta modalidade de vídeo possibilita o resgate das histórias e reforço de questões identitárias das comunidades, fundamentais para a identificação dos alunos na compreensão dos temas abordados no ensino formal.

1.1 O potencial do vídeo comunitário como estratégia pedagógica

O cineasta e pesquisador em pedagogia audiovisual Júlio Wohlgemuth aponta para uma série de perspectivas de uso do audiovisual na educação e qualifica o vídeo como uma valiosa estratégia de ensino e aprendizagem a medida em que este não se restringe a poucos, “resgatando-o como um veículo de socialização do saber” (WOHLGEMUTH, 2015). O autor destaca a universalidade da linguagem audiovisual e seu poder de penetração nas mais diversas camadas sociais, bem como o papel

capacitador do vídeo de indivíduos e de setores populares. Neste sentido, Wohlgemuth (2015) afirma:

O vídeo é o meio ideal para a criação de circuitos abertos de comunicação, nos quais a informação pode entrar em qualquer ponto e se transmitir em diferentes direções. Porém, para produzir uma mensagem pedagógica audiovisual, é necessário realizar um trabalho deliberado sobre a realidade, para transformá-la em imagens e sons que permitam apresentar um conjunto de informações, um conjunto de dados educativos e um conjunto de elementos de capacitação (WOHLGEMUTH, 2015, p. 10-11).

Os autores citados apoiam-se na ideia de haver um potencial motivacional, educador, formador e capacitador nos filmes populares nacionais, que expressam em sua essência a importante função de comunicar um grande espectro de desejos e de necessidades de moradores de comunidades, através de linguagens audiovisuais que revelam as matrizes étnicas e culturais presentes nesses territórios. Nesta direção, tal ideia converge com os argumentos deste estudo, e reforça ainda que mediante análise do audiovisual comunitário para o uso escolar possa favorecer este ser visto como um recurso para o ensino de modo que se faça cumprir a Lei nº 13.006/14 (FRESQUET, Adriana et al, 2015, p. 4-21).

Para Ramos (2012), a educação vem acompanhando, e aos poucos se apropriando, dos avanços das tecnologias de informação e comunicação (TIC). Festivais, encontros de coletivos comunitários, oficinas, seminários, entre outros eventos relacionados ao vídeo popular, se intensificaram a partir da década de oitenta no Brasil, fortalecendo as bases de uma comunicação social de caráter popular em contextos de luta por direitos.

Foi na década de oitenta que a difusão do videocassete e das fitas de VHS favoreceram aos vídeos educativos assumirem uma dimensão pedagógica nos ambientes formais de ensino. Neste período a ampla difusão desta modalidade de vídeo no Brasil correspondeu, literalmente, a uma invasão nos lares de grande parte do país, considerando as suas grandes desigualdades sociais, que permitiu ao usuário comum ter a opção de escolher, e até mesmo produzir conteúdo de seu interesse, e de adquirir certo grau de autonomia em relação às emissoras convencionais de TV.

Paralelamente, o percurso de desenvolvimento do videocassete teve o efeito de inserir novos discursos e narrativas na cena comunicativa que se viu amplificado com o advento das câmeras digitais e dos celulares que permanece na atualidade. O alcance deste fenômeno da difusão e apropriação do uso de vídeos foi também

observado nos ambientes formais de ensino, ou seja, nas escolas. A prática da exibição de vídeos e de filmes longas-metragens no ensino em diferentes níveis tornou-se cada vez mais comum. No entanto, a atuação por mais de três décadas no magistério de um dos autores deste estudo, como professor de biologia e ciências, nos demonstrou na prática, que o que prometia ser uma inesgotável fonte de prazer, inspiração e motivação para o aluno e garantia de sucesso para a prática pedagógica do professor, não necessariamente se traduziu em processos de ensino e aprendizagem bem-sucedidos. Relacionamos esta reflexão ao importante papel da formação continuada do professor, conforme indica, Libâneo (2004).

(...) a formação continuada pode possibilitar a flexibilidade e as mudanças na prática docente, ajudando os professores a tomarem consciência das suas dificuldades compreendendo-as e elaborando forma de enfrentá-las. De fato, não basta saber sobre as dificuldades da profissão é preciso refletir sobre elas e buscar soluções, de preferência mediante ações coletivas (LIBÂNEO, 2004, p. 227).

Nesta direção, os aspectos assinalados podem causar em ambos, alunos e professores, frustração, não contribuindo para a melhoria do ensino. Em suma, Arroio e Giordani (2006) sumarizam a relevância destas questões quando afirmam que o professor deve ter em mente, mediante o uso de um audiovisual em sala de aula a necessidade de identificar a matriz cultural que o caracteriza, bem como a linguagem, os gêneros discursivos veiculados, os exemplos apresentados e a sua adequação ao grupo de alunos.

Sobre as perspectivas de boas práticas do “fazer audiovisual” na educação, Amâncio et al. (2015) lança luzes sobre outro aspecto relevante relativo à figura do professor, denominado neste contexto de “educador audiovisual”, no que concerne à qualificação deste profissional em artes audiovisuais aplicadas a contextos educacionais, o que lhe confere a devida valorização da formação continuada do professor. Sua sugestão é o perceptivelmente necessário engajamento humano, que inclui o profissional de ensino na construção do audiovisual coletivo escolar. Dessa forma, acreditamos que o professor possa desempenhar o papel de educador em sua prática pedagógica e atuar como mediador entre o saber midiático e o saber escolar.

Nestes termos, compreendemos que a exibição de vídeos em sala de aula se mostrou limitada quanto ao seu potencial nas contextualizações dos conteúdos e nas estratégias de uso, resultando, grosso modo, em desprazer como uma das respostas,

tendo em vista a não identificação e reconhecimento, para os alunos, e por vezes para os professores, do que é exibido. Convergindo com esta percepção, Ferrés (1996) nos indica que uma possível inadequação do uso dos recursos audiovisuais pelo professor, pode decorrer do fato de que estes, podem não ter sido formados, em termos pedagógicos, para o domínio e utilização em sala de aula destas tecnologias de informação e comunicação, o que é tratado pelo autor da seguinte forma:

Para que haja um bom aproveitamento das potencialidades do vídeo, é imprescindível que os professores tenham uma formação específica para a utilização do meio. Não haverá professores formados para o emprego do vídeo e demais audiovisuais se não houve professores formados mediante o emprego do vídeo e dos demais audiovisuais (FERRÉS, 1996, p. 11).

Vale ressaltar, porém, que o vídeo comunitário ofereceu outras possibilidades de uso de acordo com os tipos de apropriações e seus fins, como, por exemplo, na educação popular. Sobre a origem e os caminhos do 'audiovisual de periferia' é importante esclarecer que, em face da necessidade de comunicar injustiças sociais e como uma ferramenta de luta, os vídeos comunitários se desenvolveram na América Latina, segundo Santoro (1989), na forma de produções realizadas a partir das visões e interesses das classes menos favorecidas, ou seja, as classes populares. Para este autor, a melhoria das condições de exibição e o barateamento de tecnologias de informação e comunicação facilitaram o acesso aos meios de produção audiovisual.

1.2 Os usos do vídeo comunitário na abordagem educativa em ambientes formais de ensino

Organizações não-governamentais, associações de moradores, movimentos sociais, coletivos sociais independentes, centros de defesa dos direitos humanos, entre outros, se apropriaram dos processos de produção de programas de vídeos, e passaram a envolver grupos populares na criação, distribuição e exibição de produtos audiovisuais identificados com a realidade das periferias e com os interesses das causas e movimentos sociais populares. Para Santoro (1989), o termo 'vídeo popular' é uma definição abrangente, que tem como referência primordial a prática do uso do vídeo pelos movimentos populares, o volume dessa produção, o seu teor, os grupos que são responsáveis por ela e a exibição de programas comprometidos com a realidade social" (SANTORO, 1989, p. 61).

Apoiados por Santoro (1989), compreendemos o ‘vídeo popular’ como referência a qualquer produção de vídeo realizada segundo a ótica e os interesses do coletivo de moradores de comunidades, associações de moradores, sindicatos e movimentos populares. É importante ressaltar que o termo “popular”, usado para definir os vídeos produzidos nos contextos sociais comunitários sobre os quais citamos neste artigo, não devem ser confundidos com vídeos de grande acesso na internet ou aqueles que viralizam nas redes sociais.

Em relação aos impactos que o uso dos vídeos exerce sobre estudantes na educação formal, Almeida (2003) aponta que “vídeos são ótimos recursos para mobilizar os alunos em torno de problemáticas, quando se intenta despertar-lhes o interesse para iniciar estudos sobre determinados temas.”. O valor pedagógico do vídeo como um importante recurso para a introdução ao aprendizado de conteúdos escolares, conforme menciona o autor foi uma das premissas da pesquisa. Ademais, nas atividades de trabalho de campo da pesquisa conduzidas junto aos professores, entendemos como fundamental chamar-lhes a atenção para a importância do envolvimento da comunidade escolar com os processos de criação das mídias, no caso os vídeos comunitários como meios de ensino de conteúdos de biociências e saúde, e não apenas como consumidores.

Os programas em vídeo se constituem, em meios de comunicação e, por que não, em meios de ensino. Ferrés (2001) cita a “pedagogia dos meios e a pedagogia com os meios”, atribuindo à primeira o tratamento da análise crítica dos audiovisuais como meio de comunicação, enquanto a segunda se refere à introdução dos meios como potencializadores dos processos de ensino e aprendizagem. Sobre o tema, Gomes (2009) menciona que:

Essa dupla essência nos leva a dois tipos de análises diferentes: a do vídeo como meio de comunicação, que pode ser analisado quanto à sua linguagem e sua qualidade técnica, e a do vídeo como meio de ensino, que se pode analisar do ponto de vista da exploração dos recursos de sua linguagem para fins didáticos e, ainda, do uso didático que se faz dele ou de qualquer outro produto audiovisual em sala de aula (GOMES, 2009, p. 5).

De acordo com Leonel e Mendonça (2010), ao se investigar na literatura a temática abordada em produções audiovisuais comunitárias identificam-se questões relativas a temas variados, tais como: violência, cultura, religião, políticas públicas, habitação, drogas, orientação sexual, identidade de gêneros, diversidade, inclusão social e saúde. Estas são temáticas relativas ao exercício da cidadania e que, direta

ou indiretamente, estão relacionadas ao ensino de biociências e saúde. Interessamos comentar que os assuntos são tratados sem didatismo, ou seja, sem enfoques detalhados nas formas de abordagens e sem narrativas de caráter conteudista que se limitam a reproduzir a sala de aula, prática comum nas produções dos chamados vídeos didáticos, o que pode desvalorizar as múltiplas possibilidades das linguagens audiovisuais como elementos da comunicação, sem função meramente ilustrativa.

2 Metodologia

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa exploratória, qualitativa envolvendo professores e estudantes engajados em oficinas interativas de narrativas audiovisuais com uso de vídeos comunitários, produções de trabalhos em grupos e rodas de conversas. Para o registro de dados no trabalho de campo lançamos mão de vídeo gravações, áudio gravações, entrevistas semiestruturadas e aplicação de questionários para professores e a observação direta das atividades práticas e depoimentos.

Como parte do desenho metodológico da pesquisa foram realizadas oficinas entre fevereiro e outubro de 2019 junto a professores de três escolas da Rede Estadual de Ensino de Niterói, município do Rio de Janeiro, que são: O Colégio Estadual Leonel de Moura Brizola (Ciep 249), o Colégio Estadual Guilherme Briggs, o Colégio Estadual Matemático Joaquim Gomes de Souza e também o Instituto Jelson da Costa Antunes (JCA), parceiro da Organização Não Governamental (ONG) Bem TV, visando a construção de uma proposta metodológica de ação a ser aplicada no contexto da investigação, sendo este um dos resultados esperados a partir da experiência de trabalho de campo da pesquisa⁵. A metodologia delinea-se por uma sequência de atividades de natureza teórica e prática a partir do pressuposto de que os vídeos comunitários, produzidos por jovens alunos da Bem TV no início dos anos 2000, apresentam potencial pedagógico, motivacional e introdutório como meio de ensino em biociências e em saúde.

Consideramos que estes vídeos se constituem como recursos válidos para sua utilização no ensino público formal em biociências e saúde, o que atribuímos em parte ao fato de serem produções contextualizadas sendo uma de suas características

⁵ Estes resultados não estão aqui descritos, pois foram objeto de outro trabalho.

marcantes o fato de suas locações terem sido realizadas em comunidades niteroienses e no centro de Niterói. Este pressuposto encontra-se delimitado pelo marco teórico conceitual da pesquisa apoiado na literatura especializada que trata da análise fílmica, do histórico dos vídeos comunitários no Brasil e na América latina, de sua pedagogia, de suas características socioculturais, identitárias e de sua instrumentalidade no campo das lutas sociais.

3 Resultados

O gênero documentário caracteriza-se, fundamentalmente, pelo estímulo ao debate e à reflexão sobre questões de importância social. Segundo Nichols (2005), o documentário não é uma representação do real, mas sim uma representação de mundo e aqueles personagens mostrados em seus diferentes cotidianos, contando suas histórias, passando suas visões de mundo, são por ele chamados de personagens sociais. Apoiados nas proposições deste autor tendemos a classificar o “Memórias do Preventório” como um documentário do subgênero “expositivo”. Isto porque apresenta predominância de contação de fatos ou fragmentos históricos através de narrativas em forma de locuções em *off* (voz de um narrador que em nenhum momento aparece na tela, coberta por imagens que simbolizam a fala em questão) ou de depoimentos dos personagens sociais que, nesta perspectiva, são testemunhas *in loco* ou porta-vozes retóricos de histórias de um território relativas à sua origem ou às questões sobre as quais se faz a busca de informações.

Com base em referenciais teóricos que fundamentam a pesquisa sobre vídeos educacionais, destacamos os trabalhos de Ferrés (1996) e Cabero (2001). Estes autores mencionam a liberdade que professores e/ou pesquisadores devem ter para, de acordo com a realidade em que trabalham e as características dos alunos, procederem às adaptações de critérios de análise e avaliação dos meios de ensino, de modo a adequá-los aos seus objetivos e necessidades. Ferrés (1996) sugere que programas didáticos audiovisuais não devem servir apenas para a transmissão de informações cognitivas, mas, sim, ir além das demandas didáticas, de forma a valorizar a linguagem audiovisual que é transmissora de experiências, sensações e emoções. Sugere ainda que programas didáticos devem ser criados, prioritariamente, como meios de comunicação e não como meros instrumentos transmissores de conteúdo.

Embora não se possa afirmar que os vídeos comunitários sejam roteirizados com base em propostas curriculares, consideramos que o vídeo comunitário documentário possibilita o resgate das histórias e reforço de questões identitárias das comunidades, fundamentais para a identificação dos alunos. Refletindo sobre o que nos trazem Leonel e Mendonça (2010), notamos que nos deparamos, frequentemente, com estas mídias comunitárias abordando questões do cotidiano de comunidades, as quais contemplam temas de interesse direto e/ou indireto para o ensino de biociências e saúde. De forma geral, identificam-se nos vídeos populares temas de natureza diversa, sejam culturais, comportamentais, religiosos e políticos, em geral associados a problemas que afetam diretamente a comunidade, como violência, ataques aos direitos humanos, ausência de infraestrutura urbana básica, deficiência na prestação de serviços de responsabilidade do estado nos setores de educação e saúde, entre outros.

3.1 Distinguindo a análise fílmica da crítica cinematográfica

Consideramos a importância de estabelecermos alguns parâmetros comparativos que possam subsidiar a distinção entre análise fílmica e a crítica cinematográfica. Penafria (2009) afirma que “perante a profusão de discursos sobre os filmes é imperativo, desde já, distinguir a análise da crítica”. Segundo a autora, o trabalho do crítico de cinema se distancia em muito da análise fílmica na medida em que o crítico de cinema, em sua atividade profissional, publica em jornais, revistas especializadas, *sites* ou *blogs*, resenhas que são resultados de observações pouco profundas da obra cinematográfica e que, na maioria das vezes, estão carregadas de opiniões pessoais com juízos de valor resultantes de sua formação cultural, política e ideológica.

Penafria (2009) nos diz que tanto o teórico quanto o crítico do cinema estão em busca de “localizar e comprovar seus pressupostos” e ressalta linguagens audiovisuais como a textual, a de conteúdo, a imagética, a sonora e a poética como objetos de análise fílmica. Portanto, faz-se necessário enxergar além da tela para entender o que se quer transmitir através das linguagens audiovisuais. Dessa forma, a busca por novos significados em um filme demanda um minucioso processo de prospecção que somente a análise fílmica é capaz de nos conduzir por esses

caminhos. Levando-se em conta o que nos trazem autores como Vanoye e Goliot-Lété (2005), Aumont e Marie (2004) e Penafria (2009), não existe uma metodologia universal, conforme discutiremos em seguida, que nos conduza em processos de análise fílmica.

Ressaltamos que o modelo de processo de análise fílmica adotado por essa pesquisa, de caráter qualitativo, se orientou pelo tipo de análise externa, em conformidade com a própria matriz sociocultural comunitária do morro do Preventório, no bairro de Charitas, município de Niterói onde “nasceu” no ano de 2003 o documentário “Memórias do Preventório”, pelas mãos de jovens participantes do projeto “Olho Vivo”, por iniciativa da ONG Bem TV.

3.2 Desconstruir para construir: uma estratégia de interpretação e resignificação em análises fílmicas

Sobre o processo de análise fílmica em si, Vanoye e Goliot-Lété (2005), afirmam não existir uma metodologia universalmente aceita, mas apresentam sugestões para execução desta complexa tarefa. Esses autores sugerem fragmentar o filme em seus “elementos distintos”, analisá-los separadamente e depois recompor a obra, estabelecendo relações entre seus elos e buscando resignificar o contexto. Vanoye e Goliot-Lété (2005) definem a análise de um filme como:

É despedaçar, descosturar, desunir, extrair, separar, destacar e denominar materiais que não se percebem isoladamente “a olho nu”, pois se é tomado pela totalidade. Parte-se, portanto, do texto fílmico para “desconstruí-lo” e obter um conjunto de elementos distintos do próprio filme (VANOYE & GOLIOT-LÉTÉ, 2005, p. 15).

Ainda, segundo Vanoye e Goliot-Lété (2005), a fragmentação da obra em partes menores ou “elementos distintos”, com variável nível de aprofundamento, gera um “certo distanciamento”, considerado necessário entre o analista e o filme, no sentido de evitar que sejam emitidas opiniões pessoais ou lançadas emoções sobre a atividade analítica, o que, na visão dos autores compromete o trabalho de análise, pela possibilidade de torná-lo parcial em seus métodos e, conseqüentemente, nos resultados obtidos. Porém, vale ressaltar a existência de pontos de vista discordantes entre nossos referenciais teóricos no que tange ao nível de distanciamento e/ou de aproximação adequadas entre o analista e o filme, de modo a preservar a imparcialidade da análise.

Contrapondo essa tese, Aumont e Marie (2004) nos indicam a importância de nunca “perder de vista” o filme analisado, de modo que voltemos a ele sempre que for necessário, ou seja, esses autores consideram fundamental acessar a obra em processo de análise como constante fonte de informações que alimentam o trabalho do analista. Textualmente os autores nos dizem que “É preciso ver e rever os filmes que analisa, e é inimaginável um trabalho analítico não fundamentado em pelo menos três visões do filme” (AUMONT & MARIE, 2004, p. 43).

3.3 A construção do *corpus* de análise fílmica do vídeo “Memórias do Preventório”

A análise do filme “Memórias do Preventório”, deu-se com ênfase às análises textual e imagética direcionada para identificação do potencial pedagógico para abordagem no ensino de temas relativos à ciência e à saúde. Para tal, foram eleitos os seguintes parâmetros de análise identificados em narrativas, códigos e simbolismos do filme: (i) imagens e seus significados relativos aos conteúdos em ciências e saúde; (ii) conteúdo das falas presentes nas narrativas; (iii) problematização histórica dos temas de saúde abordados; (iv) potencial como recurso pedagógico e estimulador de debates; (v) memória e identidade dos depoentes na produção audiovisual.

Uma das técnicas mais comuns aplicadas à prática da análise fílmica é a extração de fotogramas⁶ no caso dos filmes e de *frames* nos vídeos, portanto, utilizaremos o termo *frame* e não fotograma, por ser a nossa análise realizada sobre material audiovisual em formato de vídeo documentário. Sob o prisma da análise do filme narrativo e no caso, o vídeo documentário popular, que é por sua natureza narrativo, enfatizamos o que nos trazem Aumont e Marie (2004), em relação às características do *frame* como elemento de ilustração e seu potencial de eloquência que justificam sua ampla utilização em análises fílmicas já publicadas. Entre uma gama de características apontadas pelos autores, anteriormente citados, são enaltecidos o grau de leitura e de interpretação da linguagem audiovisual imagética

⁶ Como imagem individual de um filme, o fotograma corresponde ao frame do vídeo, e ambos são genericamente chamados de “quadros” de um produto audiovisual. <http://multimediaoriana.blogspot.com/2013/05/subtema-5-aquisicao-sintese-edicao-e.html>. Acesso em 18/05/2021.

que os *frames* proporcionam ao analista e não obstante encontramos os aspectos técnicos do audiovisual como elementos que permitem evidenciar detalhes de um plano ou de uma cena, tais como a profundidade de campo, movimentos e ângulos de câmera, enquadramentos, iluminação, entre outros.

Essas características definem, em parte, os critérios de seleção dos *frames* como fortes elementos da narrativa audiovisual. Posto isso, torna-se importante salientar que para a realização de análises fílmicas há uma série de critérios que não são apenas de natureza técnica e se vislumbram como fatores preponderantes para a definição de *frames* representativos de planos, cenas ou sequências de um vídeo ou de um filme e devem perscrutar significados imagéticos, o seu caráter reflexivo, seus significados históricos e contemporâneos, suas representações socioculturais, informações e mensagens que permeiam questões relacionadas aos objetivos de análise e no contexto dessa pesquisa acadêmica, questões de cunho pedagógico relacionadas à biociência e saúde.

Penafria (2009) reafirma o papel dos *frames* como suporte para a reflexão em análises fílmicas, pelo fato de “fixar algo movente” (as imagens em movimento) e menciona a necessidade de transformação de imagens paradas em “instrumentos de trabalho”. Seguindo o que nos diz a autora, transformamos os frames retirados do documentário “Memórias do Preventório” em referenciais de apoio, sobre os quais nos debruçamos para realizar análises e interpretações do documentário. O processo de fragmentação em *frames* foi possível mediante visualizações amiúde do vídeo analisado, o que ao nosso ver contribuiu para desenvolver uma estratégia consistente de modo a subsidiar a elaboração das sequências de *frames* de cobertura para as transcrições de depoimentos e das narrativas em *off* presentes no documentário. Sobre os níveis de leitura que se pode ter a respeito de um filme, Jullier e Marie (2009) nos trazem o seguinte:

A leitura de um filme, que casualmente alimenta o julgamento do seu valor, varia com frequência em função na distância na qual ela é praticada. Em um filme considerado sem importância, às vezes se adora um pequeno detalhe ou uma cena. As figuras fílmicas serão então classificadas segundo sua “ordem de grandeza”, segundo sua intervenção no nível do plano (parte do filme situada entre dois pontos de corte), no nível da sequência (combinação de planos que compõem uma unidade) ou no nível do filme inteiro (combinação de sequências) (JULLIER & MARIE, 2009, p. 20).

Trouxemos para a discussão sobre análise imagética, no que tange às questões técnicas, pedagógicas e metodológicas, em sua ampla possibilidade de

utilização, a autora Martine Joly, que em seu livro “Introdução à análise da imagem”, se posiciona a respeito de aspectos importantes sobre o tema, quando sugere, por exemplo, ser coerente proceder, primeiramente, à análise de imagens fixas para, posteriormente, dedicar-se à análise de imagens em movimento, em função da ordem de grandeza do nível de complexidade existente entre essas tarefas. Sobre as questões pedagógicas e metodológicas, Joly (2012) nos fala que:

Dissemos que uma boa análise se define, em primeiro lugar, por seus objetivos. Definir o objetivo de uma análise é indispensável para instalar suas próprias ferramentas, lembrando-se que elas determinam grande parte do objeto da análise e suas conclusões. De fato, a análise por si só não se justifica e tampouco tem interesse. Deve servir a um projeto, e é este que vai dar sua orientação, assim como permitirá elaborar sua metodologia. Não existe um método absoluto para análise, mas opções a serem feitas ou inventadas em função dos objetivos (JOLY, 2012, p. 49).

Segundo a visão de Joly (2012), a análise de imagens tem papel fundamental no campo pedagógico em nível escolar, portanto, uma vez fundamentados os critérios adotados para as análises imagéticas em contextos metodológicos, pedagógicos e técnicos, nos reportaremos a enunciar os substratos de nossa análise fílmica em nível temático ou de conteúdo e textual.

Ao transcrever, na íntegra, locuções em *off* e as falas dos depoentes em tela, buscamos discutir as narrativas com ênfase em seus conteúdos que, de forma direta ou indireta, nos levam a discussões em biociências e saúde e que perfazem o objeto de pesquisa em questão. Procuramos evitar emissão de juízo de valores ou parâmetros de comparação qualitativos em relação a outras obras em vídeo, comunitários ou não. Portanto, considerando as etapas básicas da análise fílmica, uma vez desconstruído o todo da obra, foi preciso interpretá-lo, buscando compreender seus significados, através das narrativas imagéticas e textuais, levando em conta as inter-relações de partes, de modo a estabelecer elos de ressignificação em função de objetivos específicos de nossa pesquisa.

O documentário “Memórias do Preventório” aborda a história da formação da comunidade do Morro do Preventório, localizada no bairro Charitas em Niterói, dando ênfase a fatos históricos enunciados em forma de narrativas não-focalizadas⁷ e

⁷ Um narrador onisciente que diz mais do que as personagens sabem. AUMONT, Jacques; MARIE, Michel. **A análise do filme**. Lisboa: Edições texto & grafia. 2004

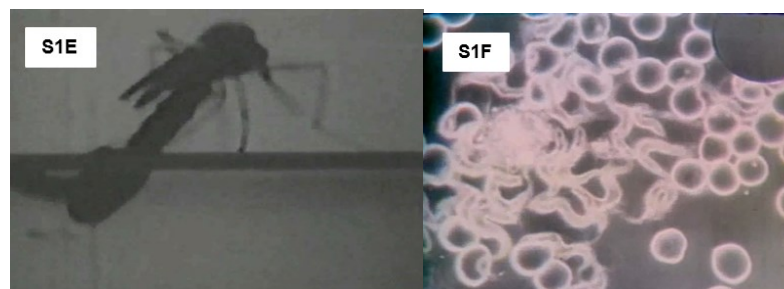
através do acesso às memórias e conhecimentos de senso comum dos moradores da própria comunidade que nos trazem seus depoimentos. O vídeo nos remete, inicialmente, aos meados do século XIX e aborda os surtos de cólera, malária e febre amarela que vitimaram grande número de pessoas no Rio Antigo. O documentário que tem onze minutos e seis segundos de duração menciona o envio de doentes do Rio de Janeiro e até do estrangeiro para Niterói, com objetivo de prevenir as doenças da época e nos traz informações sobre o aluguel de um casarão que veio a servir de hospital para estes enfermos.

3.4 As unidades de análise fílmica do vídeo “Memórias do Preventório” como referenciais temáticos, pedagógicos, imagéticos e textuais no contexto da pesquisa

As imagens apresentadas nas figuras 1a e 1b a seguir, correspondem a *frames* que mostram, respectivamente, um mosquito em posição de ovipostura e larvas de mosquitos eclodindo de ovos na água. Essas imagens podem ser consideradas para uma abordagem pedagógica em sala de aula, enquanto motivadoras e ilustrativas para desencadear discussões sobre o ciclo vital de insetos, particularmente no caso daqueles transmissores da malária e da febre amarela. Daí, podem surgir inúmeras questões que associam acometimento de doenças no passado e atuais, levando-se em conta aspectos ambientais, urbanísticos, sanitários e de saúde pública.

A seguir apresentaremos um segmento fracionado de uma das unidades de análise fílmica feita sobre o documentário “Memórias do Preventório”, a exemplo da estrutura seguida nas análises que constituem importante elemento de nossa metodologia de pesquisa. Conforme definido do ponto de vista metodológico, as unidades de análise fílmica foram codificadas de acordo com código alfanumérico (letra S = sequência; número em arábico = ordem da sequência; letra maiúscula em sequência alfabética = *frame*).

Figura 1a e 1b – Sequência 1 do filme “Memórias do Preventório”, S1E = quinto *frame*, mosquito em ovopositura em água e Sequência 1 do filme “Memórias do Preventório”, S1F = sexto *frame*, larvas de mosquito eclodindo de ovos em água.



Fonte: Arquivo pessoal

Os *frames* S1E e S1F (Fig. 1a e 1b), integram parte das imagens de cobertura de uma narrativa em *off* que se estende entre o 22º e 48º segundo do videodocumentário “Memórias do Preventório”. A íntegra da locução é a seguir apresentada:

Em meados do século XIX, grandes surtos de doenças ocorriam na cidade do Rio de Janeiro. Cólera, malária e febre amarela eram algumas dessas doenças. O Governo Imperial, que tinha sua sede no Estado, começou a combater esses surtos e decretou que fosse alugado lá pras ‘Bandas D’ além’, hoje o município conhecido como Niterói, um grande casarão que serviria de abrigo e isolamento para os doentes (BEM TV, 2003).

Do ponto de vista pedagógico, a narrativa em *off* descrita nos remete a termos como surto, que introduz o tema sobre saúde, possibilitando argumentos para, por exemplo, desencadear discussão sobre o significado biológico e dimensões geográficas de agravos como epidemia e pandemia. A menção feita a doenças específicas abre possibilidades para abordar formas e agentes de transmissão, sintomas e tratamento, assim como contextualizações históricas e sociais e análises relativas às condições ambientais, entre outras. Portanto, consideramos haver forte apelo pedagógico nestas imagens, cujos resultados se mostraram positivos, de acordo com os parâmetros testados pela pesquisa. Consideramos, portanto, a possibilidade de serem utilizadas pelo professor como referenciais de comparação entre as doenças que afetam os moradores do Rio antigo e na atualidade.

As figuras 2a e 2b a seguir trazem imagens obtidas durante oficina de narrativas audiovisuais em uma turma do terceiro ano do ensino médio no CIEP 249, localizado em Niterói, próximo ao Morro do Preventório, e exemplificam algumas etapas das dinâmicas adotadas, quando se lançou mão da construção de narrativas audiovisuais baseadas na seleção e sequenciamento de *frames*, que se dava anteriormente a exibição do vídeo. Tal procedimento encontra fundamentação em Joly (2012), autora que considera ser de grande importância proceder, primeiramente, às análises de imagens fixas para, posteriormente, se lançar às análises de imagens em movimento,

portanto, obedecendo-se uma ordem de grandeza de complexidade envolvida na realização das duas formas de análises imagéticas previstas na metodologia adotada para a execução da fase experimental da pesquisa.

Figura 2a e 2b- *Frames* dispostos aleatoriamente ao redor da sala de aula e uma sequência de *frames* pronta ao fundo – CIEP 249 Brasil – França. Charitas – Niterói e Alunos apresentando uma narrativa a partir de *frames* selecionados pelos membros do grupo - CIEP 249 Brasil – França. Charitas – Niterói.



Fonte: Arquivo pessoal

Após as apresentações de todas as narrativas criadas pelos estudantes, o vídeo “Memórias do Preventório” era exibido e a partir daí se estabelecia uma roda de conversas, momento em que era bastante comum o estabelecimento de comparações entre suas narrativas baseadas em *frames* selecionados e sequenciados por eles e aquelas encontradas no vídeo. Tal fato foi interpretado como uma forma de extrapolação dos conteúdos encontrados no filme, a medida em que novas interpretações foram trazidas para o contexto das rodas de conversa, estas advindas de questões ideológicas, experiências pessoais e da imaginação e criatividade dos sujeitos da pesquisa.

4 Considerações finais

Essa pesquisa se propôs a oferecer parâmetros de análise e de uso de vídeos populares/comunitários no ensino de biociências e saúde, conforme buscamos mostrar neste recorte de nossa pesquisa, onde focamos o vídeo “Memórias do Preventório”, de modo a investigar o seu potencial educativo por suas características pedagógicas, motivacionais e introdutórias, com abordagens sobre temas científicos, históricos, socioculturais e identitários. Este vídeo foi elaborado e realizado por moradores da comunidade do morro do Preventório, a partir de demandas próprias da comunidade, por ex-alunos da ONG Bem TV no começo dos anos 2000, o que o

caracteriza por sua natureza, como um “genuíno” vídeo comunitário, conforme os referenciais e entrevistados consultados durante a nossa investigação.

Suas linguagens audiovisuais, principalmente as textuais e imagéticas, sobre as quais nos debruçamos para a realização de análises aprofundadas do documentário, de modo a compreender e lançar uma interpretação imbricada nas questões de ensino, contribuem sobremaneira para a composição de um conjunto de narrativas acessíveis por sua ludicidade e expressiva contextualização com as realidades dos adolescentes, estudantes do ensino médio (público-alvo) em escolas da Rede Pública Estadual de Niterói, localizadas no entorno de comunidades carentes, onde a fase experimental da pesquisa se deu.

A partir de uma perspectiva crítica de educação o uso desta modalidade de vídeo no ensino contribui para a compreensão de temas emergentes de uma dada realidade. Segundo Díaz e Martins (1982), uma educação voltada à problematização das questões pelos indivíduos visa a incorporação mais significativa e duradoura de conhecimentos que permitem alçá-los a promotores de transformações. Para os autores, esta perspectiva estimula as potencialidades intelectuais dos aprendizes e os coloca em cena como protagonistas ativos, capazes de dialogar e agir na solução de seus problemas.

No contexto da pesquisa, o vídeo comunitário “Memórias do Preventório” se mostrou um recurso facilitador para subsidiar oficinas de narrativas audiovisuais, rodas de conversa, entre outras atividades lúdico-pedagógicas por suas características, além de problematizadoras, dotadas de bom humor e informações relevantes sobre a formação da comunidade do morro do Preventório, que instigaram o desencadeamento de processos de aprendizagem reflexivos e com elevado nível de teor crítico, tanto por parte dos alunos quanto dos professores participantes como sujeitos da pesquisa. Aos nossos olhos, isso assume importância fundamental no que se refere aos objetivos traçados para essa pesquisa qualitativa.

Portanto, o uso dos vídeos no contexto do ensino constitui-se potencialmente em um recurso que não se reduz a uma ilustração dos conteúdos abordados, tendo em vista as questões apresentadas neste artigo que inclui a necessidade de formação do professor. Dessa forma, esperamos contribuir para a valorização do uso bem-sucedido de programas de vídeos como recurso pedagógico por meio de um processo educacional que prioriza a elaboração de conteúdos, de vivências escolares, sociais

e comunitárias, de modo a aprimorar o ensino em biociências e saúde sobretudo, mas não só em escolas públicas sob a responsabilidade do Estado e inseridas em contextos de vulnerabilidade.

Referências

- ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de. Educação, ambientes virtuais e interatividade. Silva, M. (Org.), p. 6 2003.
- AMÂNCIO, Antônio Carlos et al. Novos desafios frente à Lei 13.006/14. Belo Horizonte, Colaboração, Edição e Distribuição: Universo Produção, 2015.
- ARROIO, Agnaldo; GIORDAN, Marcelo. O vídeo educativo: aspectos da organização do Ensino. Química Nova na Escola, São Paulo, n. 24, p. 8 -11, nov. 2006.
- AUMONT, Jacques; MARIE, Michel. A análise do filme. Lisboa: Edições texto & grafia. 2004.
- BEM TV. Faxina Geral. 1999. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/search?q=faxina%20geral>. Acesso em: 3 abril. 2018.
- BEM TV. Muito Prazer. 2002. Youtube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=lrkqgs41-xg&ab_channel=BemTV. Acesso em: 3 abril. 2018.
- BEM TV. Memórias do Preventório. 2003. Youtube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=KUpqeTk7ek0&t=47s&ab_channel=BemTV. Acesso em: 3 abril. 2018.
- CABERO, Julio Almenara. Avaliar para melhorar: meios e materiais de ensino. In: SANCHO, J. Maria (Org.). Para uma tecnologia educacional. Trad. Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.
- DÍAZ, BORDENAVE J. E; MARTINS, Adair Pereira. Estratégias de ensino aprendizagem. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1982.
- FERRÉS, Joan. Vídeo e educação. 2. Ed. Porto Alegre: Artes Médicas. 1996.
- FERRÉS, Joan. Pedagogia dos meios audiovisuais e pedagogia com os meios audiovisuais. In: SANCHO J. Maria (Org.). Para uma tecnologia educacional. Trad. Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001. p. 127-155.
- FRESQUET, Adriana et al. Da obrigatoriedade do cinema na escola, notas para uma reflexão sobre a lei 13.006/14. Cinema e educação: a lei, v. 13, p. 4-21, 2015.
- GOMES, Luiz Fernando. Vídeos didáticos: uma proposta de critérios para análise. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, v. 89, n. 223, 2009.
- JOLY, Martine. Introdução à análise da imagem. Papirus Editora, 2012.

JULLIER, Laurent; MARIE, Michel. Lendo as imagens do cinema. São Paulo: Senac, p. 20, 2009.

LEONEL, Juliana M.; MENDONÇA, Ricardo Fabrino. Audiovisual comunitário e educação: histórias, processos e produtos. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

LIBÂNEO, José Carlos. Organização e gestão da escola: teoria e prática. 5. ed. revista e ampliada. Goiânia: Editora Alternativa, 2004.

NICHOLS, Bill. Introdução do documentário. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

PENAFRIA, Manuela. Análise de Filmes - conceitos e metodologia(s). In: VI Congresso SOPCOM, Lisboa, 2009. Anais eletrônicos. Lisboa, SOPCOM, 2009. Disponível em: <http://www.bocc.uff.br/pag/bocc-penafria-analise.pdf>. Acessado em: 15/03/2020

RAMOS, Márcio Roberto Vieira. O uso de tecnologias em sala de aula. V Seminário de Estágio do Curso de Ciências Sociais do Departamento de Ciências Sociais-UEL. Londrina, v. 11, p. 2012, 2012.

SANTORO, Luiz Fernando. A imagem nas mãos: o vídeo popular no Brasil. Summus Editorial, p. 61, 1989.

VANOYE, Francis; GOLIOT-LÉTÉ, Anne. Ensaio sobre a análise fílmica. Tradução: Marina Appenzeller. 2ª ed. Campinas: Papyrus, 2005

WOHLGEMUTH, Júlio. Vídeo Educativo: Uma Pedagogia Audiovisual. Senac, 2005.

Agradecimentos

Nossos sinceros agradecimentos à ONG Bem TV por ter disponibilizado todo seu acervo de vídeos e nos ter recebido em suas dependências para que pudéssemos desenvolver parte da fase exploratória de nossa pesquisa e às escolas estaduais CIEP 249 (Brasil – França), Guilherme Brigs e ao Instituto JCA, por cederem seus espaços físicos e terem permitido a participação de alunos e professores como sujeitos desta pesquisa.